

EPILOGO E COMPENDIO

Da origem da congregação de Sam
João Evangelista. Do nascimento,
vida, & morte dos seus tres fundado-
res. Da fundacão dos noue conuen-
tos; das suas Rendas; encargos; & Prela-
dos; & dos onze Hospitaes.
Da sua administracão; &
de outras me-
morias.

Compilto, e escrito,
pello Padre Mestre
Jorge de Sam
PAVLO

Senado geral o Reverendissimo Padre
M. Manoel da Madre de Deos, ambos
naturaes da Cidade de Lisboa Cor-
te del Rey Dom Joao quarto felicis-
simo. Restaurador deste
Reino de Portugal.
1658.

Jorge de S. Paulo (C. S. J. E.) e o seu *Epílogo e Compêndio de Memórias*. Traços de um padrão contra o esquecimento.

1. Convictos do interesse e riqueza da sua personalidade, propomo-nos apresentar ao leitor, em breve visita — que esperamos não seja apenas de cumprimentos, cortesia e homenagem de circunstância — Jorge de S. Paulo, autor lóio habituado a silêncio e estrito retiro dos tráfegos mundanos, literários ou outros.

Este cônego da Congregação de S. João Evangelista gozou de prestígio, desempenhou proficientemente altos cargos na ordem, legou aos vindouros, da sua mão, importante acervo memorialístico em arquivo, mas ter-se-á, por certo, preocupado mais com os novíssimos do que com a perpetuidade de um eventual e sempre incerto reconhecimento humano devido à sua pessoa, passados que fossem os autorizados e meritórios dias da sua vida..., pelo que a presente tarefa se reveste de particular delicadeza. De facto, não havendo, como não há, arrimos bibliográficos de monta a que deitar a mão¹, maior se torna a responsabilidade do apresentante...

¹ Exceptuados textos dos Doutores Fernando Correia da SILVA e Fernando MAGANO, amplamente citados *infra*, que se ocupam expressamente desta personalidade. Todavia, na abordagem da história da Congregação de S. João Evangelista, Jorge de S. Paulo revela-se uma fonte de informação frequentemente referida e utilizada. Continuam no entanto escassos os estudos consagrados aos lóios. De entre eles, pela aludida utilização, recordamos: a) relativamente a Vilar: José MARQUES, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, Lisboa, 1988, 851-950 (3.ª parte, cap. III, secção V desta imponente e qualificadíssima obra); Joaquim Alves VINHAS, *A Igreja e o Convento de Vilar de Frades. Das origens da Congregação dos Cônegos Seculares de S. João Evangelista (Lóios) à extinção do Convento. 1425-1834*, Barcelos, 1998 (informes de Jorge de S. Paulo transmitidos *passim*; cf. principalmente 1-73 e utilíssimo apêndice documental a 404-486); José MARQUES, *Livrarias de mão no Portugal Medieval*, in *Bracara Augusta*, XLVII, 113 (1997), 279-282; Maria do Carmo Henriques de LANCASTRE, *A Igreja do Convento de Vilar de Frades segundo as Memórias do P. e Jorge de S. Paulo*, in *Barcelos-Revista*, 2, 2.ª Série (1991), 169-170; Maria Teresa Calheiros Figueiredo de Oliveira RAMOS, *A Igreja Manuelina de Vilar de Frades (do arquitecto, dos cronistas e do monumento)*, in *Revista de Ciências Históricas*, V (1990), 91-121; b) relativamente à casa do Porto: Eugénio de André da Cunha e FREITAS, *O Convento Novo de Santa Maria da Consolação (Padres Lóios)*, Porto, 1947, 145) relativamente à casa da Feira: Pedro Vilas Boas TAVARES, *A fundação e construção da Igreja e Convento da Congregação de S. João Evangelista, de Vila da Feira*, in *Humanística e Teologia*, XII, 1 (1991), 91-112. Herlando António Ferreira BAPTISTA, morador em Santa Maria da Feira, traz em preparação dissertação de mestrado sobre esta casa. d) relativamente aos lóios em geral, e ao conjunto das casas da congregação: Pedro Vilas Boas TAVARES, *Os Lóios e a reforma religiosa nos meados do séc. XVI. A «Ordem e regimento de vida cristã» de Pedro de Santa Maria (1555)*, Porto, 1986 (trabalho de síntese de provas de aptidão pedagógica e capacidade científica, apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 206 dact.); IDEM, *Lóios*, in *Dicionário de História Religiosa de Portugal* (direcção de Carlos Moreira AZEVEDO), III, Lisboa, 2000, 149-157. IDEM, *Para uma revisitação dos cônegos lóios*, Porto, 1999, 24.

Nada mais adiantando sobre a família deste lóio, o incontornável Abade de Sever, informa — e bem — que Jorge de S. Paulo, natural de Lisboa, se chamava «no século» Jorge de Carvalho, filho de Felício Rodrigues e Catarina de Carvalho. Da sua vida religiosa é-nos dito que «recebeo a murça de Conego Secular da Congregação do Evangelista em o Convento de Villar a 20 de Julho de 1609, onde pelas suas letras foy Mestre de Theologia, e pela sua prudencia duas vezes Secretario da Congregação, Reytor dos Conventos do Porto e da Feyra e Provedor das Caldas da Rainha».

No domínio da produção literária, em depoimento cuja segurança teremos ocasião de testar, com novas especificações, diz ainda Diogo Barbosa Machado que este religioso azul «com incansavel disvelo discorreo por todas as Cazas da sua Congregação para investigar nos Carthorios os privilegios e antiguidades della, de cujo laborioso exame extrahio noticias que reduzio a sete volumes onde se comprehendem as Fundaçoes dos Conventos de Villar de Frades, de Santo Eloy de Lisboa, de Santo Eloy do Porto, do Convento da Feyra e Hospital das Caldas», volumes esses «todos escritos da sua propria mão» e desempenhando decisivo papel em relação à crónica impressa da congregação².

Com efeito, quanto aos méritos de Jorge de S. Paulo, Francisco de Santa Maria, o cronista encartado da congregação que em 1697 publicou *O Ceo Aberto na Terra, Historia das Sagradas Congregações dos Conegos Seculares de S. Jorge em Alga de Venesa e de S. João Evangelista em Portugal* (Lisboa, Manuel Lopes Ferreira), dedicado ao promissor príncipe D. João, foi quem primeiro valorizou o enorme papel do trabalho inquisitivo de pesquisa e recolha documental deste seu confrade, por isso declarando no *Prólogo* da referida obra, lapidar e honradamente: «Develhe muito a Congregação, porque se não fora pela sua curiosidade e desvelo, entendo que nem eu nem outro algum poderia já mais sair a publico com a Cronica della».

Como quer que seja, continua Jorge de S. Paulo um nome praticamente desconhecido ou completamente ignorado nos estudos sobre a produção historiográfica portuguesa. Para prova desta afirmação, basta dizer que Joaquim Veríssimo Serrão, em obra benemérita, de referência obrigatória³, não o inclui no elenco dos autores seiscentistas, nem sequer da historiografia congreganista, por si estudados. E todavia, deste cónego lóio, dispomos não só, ainda hoje, de abundante produção manuscrita, fácil e proveitosamente consultável nos nossos arquivos públicos, mas também impressa, aliás aproveitada já pela *História de Portugal*, dita de Barcelos⁴.

² *Bibliotheca Lusitana*, II, Lisboa, 1747, 812.

³ *A Historiografia Portuguesa. Doutrina e crítica*, II, Lisboa, 1973.

⁴ Ângelo RIBEIRO, *Assistência*, in *História de Portugal* (dir. por Damião Peres), IV, Barcelos, 1932, 560-562.

Efectivamente, no século agora transacto, sob o nome de Jorge de S. Paulo, por iniciativa e responsabilidade do mesmo prefaciador, o Doutor Fernando Correia da Silva, ilustre médico, higienista e operoso investigador da história da assistência em Portugal, começaram por sair três títulos: *História da Rainha D. Leonor e da Fundação do Hospital das Caldas* (Lisboa, 1928, 209), *A medicina termal portuguesa na época da Restauração* (Lisboa, 1944, 247) e *Antiguidades das Caldas da Rainha e do tempo da Rainha D. Leonor* (Caldas da Rainha, 1959, 94). Graças aos cuidados do douto higienista, era a emersão à luz pública, por então em três grandes fragmentos, do texto de um grande livro escrito por Jorge de S. Paulo e por si legado ao Hospital das Caldas da Rainha, no tempo em que aí havia demorado como provedor⁵.

A partir de 1959, da totalidade desse «dilatado volume» seiscentista (1132 páginas manuscritas *in folio*), conservado no arquivo do Hospital das Caldas, sob o extenso título geral, do século XVIII⁶, de *Livro da fundação deste Real Hospital sito na villa das Caldas, fundado pella Senhora Raynha D. Leonor, cuja vida se trata, Molher do Principe perfeito El Rey Dom João 2.º, Irmã del Rey D. Manuel de venturosa memoria. Compendio juntamente de tudo quanto se contem no seu Cartorio des o anno de 1484 até o de 1656*, ainda restavam inéditas 597 páginas⁷, mas a Academia das Ciências de Lisboa, a requerimento do Doutor Fernando da Silva Correia, formulado em meados de 1965, aprovou que o livro de Jorge de S. Paulo fosse dado à estampa em edição integral⁸, realização que já veio homenagear a memória daquele investigador, entretanto falecido⁹.

Como é patente, ficara franqueado importante passo no desígnio de disponibilização pública do vasto conjunto da produção de Jorge de S. Paulo¹⁰.

2. Estamos em condições de confirmar o bom fundamento das informações supramencionadas do abade de Sever. A sua fonte foi a já citada

⁵ Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, t. cit., *ibid.*

⁶ Fernando da Silva CORREIA, Nota I de *Palavras previas in supracit. História da Rainha D. Leonor e da Fundação do Hospital das Caldas*.

⁷ Fernando da Silva CORREIA, Prefácio de *Antiguidades das Caldas da Rainha e do tempo da Rainha D. Leonor*, op. supracit., X. Este autor lembra aqui anteriores transcrições parciais do ms. caldense feitas pelos Drs. Silvano Armando Lopes e Silva Carvalho e por Francisco Gomes de Avelar.

⁸ Jorge de S. PAULO, *O Hospital das Caldas da Rainha até ao Ano de 1656*, 3 tomos, Academia das Ciências de Lisboa, 1967-1968. Os dois primeiros tomos, de 1967, são respectivamente de 231 e 554; o terceiro de 501.

⁹ Jorge de S. PAULO, *O Hospital das Caldas da Rainha até ao Ano de 1656*, I, Nota preliminar.

¹⁰ Com a mesma intenção, de há bastante tempo vimos preparando edição integral da obra deste autor, guardada em Braga (Ms. 924 da Biblioteca e Arquivo Distrital de Braga), e objecto das presentes linhas. Consumado o moroso trabalho de transcrição do extenso manuscrito, com competente e generoso auxílio do Doutor Armando Malheiro da Silva, da Universidade do Minho, não tardará, certamente, a respectiva publicação.

crónica de Francisco de Santa Maria, autor pelo seu *curriculum*¹¹ especialmente expressivo e bem colocado para o efeito, dentro da congregação¹². Assim, aí se pode ler sobre Jorge de S. Paulo:

«Foi este Padre natural de Lisboa, Mestre em Theologia e grande religioso. Esteve morador em muitas Casas da Congregação e discorreu coriosamente por todas e desentranhou quanto havia nos archivos dellas, e de todas as memorias que ajuntou, escreveu sette tomos (todos de sua mão) hum que trata do convento de Villar, dous do convento de S. Eloy de Lisboa, outro de S. Eloy do Porto, outro do convento da Feira, outro do Hospital das Caldas, e outro, que he o settimo, em que reduzio a compendio as cousas mais relevantes

¹¹ Francisco de Santa Maria, nascido em Lisboa a 11 de Dezembro de 1653, filho do capitão Manuel Correia, fidalgo da casa real, e sua mulher D. Maria da Silva de Azevedo, depois de ter estudado latim e humanidades no Colégio de Santo Antão e de uma frustrada admissão na Companhia, entrou, em S. Bento de Xabregas, na Congregação de S. João Evangelista, em 28 de Abril de 1671. Depois do noviciado, passou ao colégio de Coimbra, da sua ordem, onde foi aluno e conceituado professor. Apesar de nunca ter consentido «que se divulgasse com o seu nome o menor parto da sua fecunda Musa», o autor da *Bibliotheca Lusitana* (II, 190) dá-lo «feliz na poesia», praticada «nos seus primeiros anos». Mas foi, sem dúvida, distinto pregador, de linguagem singularmente polida e sóbria para o seu tempo, apreciado nas capelas reais de D. Pedro II e de sua irmã, D. Catarina, rainha da Grã-Bretanha. Além de *O Ceo Aberto na Terra*, obra correspondendo às funções de cronista geral dos azuis, deixou-nos importante conjunto de *Sermões*, impressos isoladamente ou reunidos em volume (cinco tomos em 4.º, os três primeiros saídos em Lisboa, dos prelos de Manuel Lopes Ferreira, em 1689, 1694 e 1698, e os dois últimos, postumamente, em 1738, da oficina da Congregação do Oratório). Estes sermões, as suas «vidas» de S. Lourenço Justiniano e do beato António da Conceição (a *Saphira Veneziana* e o *Jacinto Portuguez*, Lisboa, Filipe Vilela, 1677), ou ainda *A Aguia do Empyrio* (Lisboa, Miguel Manescal, 1687), «compendioso panegfírico» das «excelências do Discípulo Amado», permitem apreciar a realidade e teor desse talento, sempre pronto a aplicar-se a matérias hagiográficas. Nelas não desdenhou figurar como "émulo" tardio de Jorge Cardoso no seu *Agiológico Lusitano*, como se vê pelos moldes em que concebeu o *Anno Historico, Diario Portuguez*, publicado postumamente (1.ª ed., em um vol., Lisboa, José Lopes Ferreira, 1714; 2.ª ed., acrescentada, por diligência do Padre Lourenço Justiniano da Anunciação, C.S.J.E., em três tomos, Lisboa, of. de Domingos Gonçalves, 1744). Além de lente de filosofia e teologia, foi qualificador do Santo Offício e examinador das três ordens militares. Recusou a mitra de Macau, para que o nomeou D. Pedro II, em 1792. Na ordem, além de provedor do Hospital das Caldas, foi reitor de Santo Elói de Lisboa e geral (1704-1707). Neste último ano houve uma sustatória do nuncio, cardeal Conti, e passou a dirigir a congregação, como vigário-geral apostólico, o Padre Francisco da Conceição, de Lamego (1707-1709). Fazia-se então sentir o ricochete de fortes tensões entre a cúria romana e a coroa portuguesa, por causa dos direitos do padroado português, e o ex-geral, com o seu confrade, D. Diogo da Anunciação Justiniano, arcebispo de Cranganor (vigoroso defensor dos interesses e prerrogativas nacionais), viram-se constangidos a defender-se de procedimentos hostis, por parte do próprio tribunal da nunciatura (Arquivo Secreto do Vaticano, *Nunz. di Portogallo*, vol. 66, 1708, 311). Com honra e prestígio, na corte e na congregação, faleceu a 4 de Novembro de 1713. Como é evidente, os cargos desempenhados impeliram Francisco de Santa Maria a contactar com os arquivos e a familiarizar-se com as fontes memorialísticas da congregação.

¹² Manuel da Cunha Andrade e SOUSA, *Elogio Encomiastico da vida e acçoens, letras e caracter do Reverendissimo Padre Mestre Francisco de Santa Maria*, Lisboa, António Isidoro da Fonseca, 1739.

que se continhão nos outros, o qual me foi de tanta utilidade, quanta não posso encarecer»¹³.

Este sétimo tomo, realmente autógrafa¹⁴, é precisamente o Ms. 924 da Biblioteca e Arquivo Distrital de Braga, cuja publicação trazemos entre mãos e de que aqui nos ocupamos. Ao gosto do barroco, em frontispício ricamente decorado e emoldurado, simetricamente, valorizado por motivos vegetalistas, pela águia do Apóstolo-Evangelista e belas capitais desenhadas à pena, pode ler-se: *Epilogo / e Compendio / da origem da congregação de Sam / Joam Evangelista. & do nascimento, / vida, & morte dos seus tres fundado/res. Da fundaçam dos seus nove conventos; das suas Rendas; encargos; & Prelados; & dos onze Hospitaes / da sua administração; & / de outras me/morias. / Composto e escrito / pello Padre Mestre / Jorge de S. / Paulo / sendo geral o Reverendissimo Padre / Manoel da Madre de Deos, ambos / naturaes da Cidade de Lisboa, Cor/te del Rey Dom João quarto fele/cissimo Restaurador deste / Reino de Portugal. /1658*¹⁵.

Seja dito, de passagem, que tivemos também oportunidade de verificar — directamente — a exactidão das indicações do cronista sobre os tomos relativos às casas do Porto e de Vila da Feira.

No primeiro caso, esse tomo corresponde ao Livro 87 do Cartório de Santo Elói, à guarda do Arquivo Distrital do Porto, ostentando o significativo título — pelo utilitarismo denotado — de *Compendio do cartorio deste Convento, das obrigações da sanchristia, da fazenda, e mais couzas neçessarias pera o bom governo dos preladados, e seus officiaes, feito e ordenado pello padre Mestre Jorge de S. Paulo, sendo Reitor desta Caza no anno de 1641*; no segundo caso, o tomo referido corresponde a título de idêntico teor: *Livro e memorial da fazenda deste convento pera se dar principio ao tombo tão necessario pera sua augmentação*. Ainda pudemos compulsar este volume, iniciado e na sua maior parte escrito pela mão de Jorge de S. Paulo. Infelizmente, pouco depois, teríamos já de aceder ao seu texto por um traslado fiel, porque o original desaparecera da Biblioteca Municipal da Feira¹⁶.

Relativamente ao Ms. 924 de Braga, o seu próprio frontispício merece atenção, pelo que vale em si, e pelo que informa.

¹³ *O Ceo Aberto na Terra*, Prólogo, [p. iv].

¹⁴ Excepto da 315 à 331, num total de 772.

¹⁵ Reprodução em anexo (34,5 x 23 cm). Maria Teresa Calheiros Figueiredo de Oliveira RAMOS e Fernando MAGANO (artigos cits., respectivamente 117 e 8) sustentam ser a execução desta portada posterior à redacção do texto. De futuro, este título virá referido apenas pelas suas primeiras palavras.

¹⁶ Na preparação do nosso trabalho sobre *A fundação e construção da Igreja e Convento da Congregação de S. João Evangelista, de Vila da Feira*, supracit., socorremo-nos da lição do *Livro e memorial da fazenda* do convento da Feira fornecida em ms. pelo erudito investigador feirense Vaz Ferreira, e providencialmente também existente na referida biblioteca.

1658 é manifestamente a data — pelo menos do *terminus ad quem* — da composição da obra. Com efeito, na p. 767, lemos como título do capítulo 77: «Catalogo de todos os religiosos que receberão o habito da nossa Congregação e perseverarão nelle pellas suas primeiras vocações e inspirações divinas, des do año de 1425 ate o prezente de 1658 que ha 233 annos da fundação».

A referência a Lisboa, «Corte del Rey Dom João quarto, felecissimo Restaurador deste Reino de Portugal», então já falecido (6.11.1656), compreende-se pela situação de regência, bairrismo natal e alarde de entusiasmo com a causa nacional, numa congregação onde nem todos os religiosos, a começar pelo geral, tinham sido cordatos para com o Duque de Bragança¹⁷.

No rosto deste volume reitera-se, como vimos, que ele não apenas foi composto mas também escrito por Jorge de S. Paulo. Neste particular, Fernando Magano, que se ocupou deste códice, não valorizou um dado importante: em página imediatamente anterior ao frontispício, sob a décima «De hum Poeta incognito feita ao Padre Jorge de Sam Paulo, Author deste Livro», inscreve-se um termo de oferecimento, autógrafo, assinado pelo autor, deste volume «pera a Livraria do Convento de Villar de Frades»¹⁸. Facilmente havíamos ficado a conhecer a letra deste religioso, compulsando os tomos da Feira e do Porto. De qualquer modo, neste último se vê, manifestamente, que quem escreveu o termo escreveu o texto da obra. Se dúvidas houvesse, para as dissipar bastaria atentar numa «protestação do author deste livro», escrita à página 590, a propósito do relato nele incluso das «virtuosas obras» do Padre António da Conceição. A «protestação», da mesma letra do resto do livro, está datada de 30 de Outubro de 1658, e no termo dela desenha-se exactamente a mesma assinatura de *M[estre] Jorge de S. Paulo*. Finalmente, é o próprio autor quem o declara, taxativamente, na página 769 do último capítulo da obra, como teremos ocasião de ver.

O Ms. 924 de Braga não registou no entanto, apenas, o labor de Jorge de S. Paulo. Terminado propriamente o texto do *Epilogo*, à p. 771, e incorporado o volume na livraria conventual de Vilar, alguns confrades do

¹⁷ O Padre João da Ressurreição, natural de Braga, entrado na congregação em 16 de Novembro de 1610, foi eleito geral em 9 de Maio de 1639. Continuando então nesse cargo, foi preso na Aclamação, por ordem de D. João IV. Em 1642, quando ainda estava preso e se devia fazer novo capítulo, a congregação dividiu-se em dois partidos: um procedeu a capítulo na casa de Santo Elói de Lisboa, outro na do Beato António. O primeiro elegeu para geral o Padre Gaspar dos Anjos, e o outro o geral que estava preso. O colector que então estava no reino favorecia o partido dos que haviam feito capítulo no Beato e procedia contra os prelados eleitos pela outra parte. As dissensões durarão sete anos, até que, finalmente, João da Ressurreição, saído em liberdade, reduziu todos à sua obediência (cf. Eugénio de Andréa da Cunha e FREITAS, *O Convento Novo de Santa Maria da Consolação*, 97).

¹⁸ Reprodução em anexo. Efectivamente, ao abrir-se o *Index dos Capitulos deste Livro*, lá está, em anotação infra-paginal, o correspondente pertence: «Da Casa de Villar de Frades».

autor, muito posteriores, para continuarem a «memoria dos Prelados» daquela casa, deixada no ano de 1658, nas folhas sobrantes, utilitariamente, foram sucessivamente exarando, até ao ano de 1813, o «catálogo» dos reitores de Vilar, nalguns casos com sucinta nota de despesas e obras realizadas durante as respectivas reitorias.

Iniciou a escrita de tal «Suplemento» um desses cônegos, cujo nome ignoramos, preenchendo desde logo todo o troço cronológico de 1659 até 1766, momento no qual, em Vilar, pelo sétimo ano consecutivo, ia «continuando a governar» o Padre pregador António dos Querubins¹⁹... Pela identidade das caligrafias percebe-se que foi esse mesmo anónimo memorialista quem, posteriormente a 1755 (uma vez que são referidos danos do terramoto desse ano), fez anteceder o texto do *Epilogo*, iniciado na fl. 1 do volume com o *Index dos Capitulos*, de extenso e pormenorizado *Elogio* do seu autor.

Embora escrito «com succinta penna», este *Elogio* fornece importantes dados sobre Jorge de S. Paulo e sobre a sua obra escrita que completam os informes de Barbosa Machado. Dada a natureza do subgénero implicado e a obsessão nobiliária da época, prescindimos, naturalmente, de apurar até que ponto seriam ou não os progenitores do autor do *Epilogo e Compendio* pessoas «muito nobres». Note-se no entanto que as restantes informações são controláveis arquivisticamente e que, como podemos confirmar, grande parte delas se coligem mesmo de passagens várias deste volume de Jorge de S. Paulo.

Assim, lemos no *Elogio*: «Ja contava [Jorge de S. Paulo] seis annos de habito, quando no de 1615 foi mandado para o Curso de Filozofia, que na Caza de Arrayolos leo o Padre Mestre Manoel de Ascenção. Em breve tempo se conheceo ser mui distincta a sua capacidade para as letras. Por esta cauza completo o tempo da Filozofia passou a ouvir a Sagrada Theologia. Como o engenho era feliz, e continua a applicação, fez grandes progressos nos estudos de tão sublime sciência, na qual elle e seus companheiros forão os primeiros que pelos annos de 1620 e 1621 defenderão concluzões publicas e impressas no nosso Collegio de Coimbra, aonde foi Vice Reytor eleito no anno de 1621».

Tirando esta — aliás plausível — vice-reitoria, sobre a qual nada fica escrito, recorrendo ao texto do *Epilogo e Compendio*, cap. 66.º, §.º 8.º, pp. 649-650 e 715, efectivamente veremos Jorge de S. Paulo corroborar que ele pertenceu ao 12.º curso de artes e teologia frequentado pelos religiosos azuis, curso esse iniciado em 1615 em Arraiolos e acabado em Coimbra.

Anteriormente, pelo menos em 1613, passara pelo convento do Porto, como «chorista».

Uma vez na cidade do Mondego, ele e os seus colegas tinham «três lições pela manhã no collegio, e a tarde na Universidade». Como muito «doutos e abalizados na sciencia» e então considerados na universidade, Jorge

¹⁹ *Epilogo e Compendio*, 777.

de S. Paulo evoca e louva especialmente três mestres seus — os padres bachareis António de S. Pantaleão e Gaspar dos Anjos Sotto Mayor e o Doutor João de S. Pedro — recordando terem sido «os primeiros mestres que lerão theologia no collegio [de Coimbra]» e que «prezidirão em conclusões publicas impressas».

Do outro lado, como «os primeiros collegeaes» que na Universidade defenderam essas conclusões públicas impressas, com os referidos mestres, evocam-se os nomes dos padres Amaro do Espírito Santo, Manuel de S. Paulo, João da Ressurreição, Teodósio de S. João e dele próprio; era então geral da congregação — lembra — o Padre Baltasar da Anunciação (falecido em 29.7.1622, dois anos geral, depois da sua eleição em 31.5.1618) e estava ele, «defendente», no segundo ano de teologia «em que havia ja materias diffusas» para conclusões.

Encomiasticamente, e com uma pontada crítica aos seus contemporâneos, prossegue o autor do *Elogio*: «Como todos os seus actos forão feitos com esplendor, acabado o tempo de discipulo, lhe derão os Prelados patente de Mestre com universal aplauzo, devendo nesta honra tudo ao merecimento, nada ao patrocínio, como agora succede. Depois foi nomeado Lente de Vespera de Theologia especulativa no mesmo Collegio de Coimbra, a qual tambem leo nesta Caza de Villar».

Lacónico, é realmente o próprio Jorge de S. Paulo quem nos deixa saber que no curso imediatamente posterior ao seu, e iniciado em 1622, já ele fez a sua entrada como professor. Segundo escreve (*ibid.*, p. 649), então começou a ler artes o padre Mestre Manuel de S. Paulo, mas, como se preparavam obras em Coimbra e haveria que reservar as rendas para as despesas do novo edifício programado, tornou-se necessário transferir este curso para fora do colégio conimbricense, de modo que, desde 1624, os respectivos estudos de filosofia e a teologia passaram a ser garantidos em Vilar, onde Jorge de S. Paulo desempenhou efectivamente as funções de lente de véspera de teologia. Aí era conventual aquando do célebre sacrilégio de Santa Engrácia, ocorrido em Lisboa em 16 de Janeiro de 1630 (*ibid.*, p. 744).

Depois de lente de véspera de teologia em Vilar (a grande casa primordial da congregação, onde fora admitido ao hábito, e à qual, compreensivelmente, demonstrará entranhado afecto no *Epilogo e Compendio* — o manuscrito aqui em apreço, escrito por sua mão —, em vida doado, com «não pequena livraria» pessoal, para enriquecimento da respectiva biblioteca conventual), informa-nos o autor do *Elogio* que Jorge de S. Paulo «passou a ler Theologia Moral» em outras casas da congregação.

Como se depreende, essas funções docentes de moral e casos (rentabilização em prol da ordem de uma competência académica adquirida com brilho), harmonizaram-se com sucessivas tarefas governativas para que foi sendo eleito. São o conhecimento dos passos desse apreciável *cursus honorum*

dentro da congregação e o contacto directo com a magnitude da obra escrita por Jorge de S. Paulo que concitam ao autor do *Elogio* os termos do seu encómio.

Dados coligidos no próprio *Epilogo e Compendio* podem atestar, mais uma vez, a solidez das informações factuais do *Elogio*: a eleição de Jorge de S. Paulo, em 1636, para o lugar de administrador da casa da Feira (então ainda não tendo título de reitor, e colegiada com poucos efectivos, por falta de rendas e pela lenta prossecução das obras em curso), primeiro lugar onde, até ao ano de 1638, pôs à prova os seus dotes de meticuloso gestor da «fazenda» da congregação; a sua eleição para reitor da casa de Santo Elói do Porto, à frente da qual se manteve, de 1639 a 1641, e, de novo, nos dois anos de 1648 e 1649; e, finalmente, a sua escolha, por parte do capítulo geral da congregação, de 1653, como provedor do Hospital das Caldas, instituição que dirigirá no triénio de 1653 a 1656.

Mesmo o relevo dado à perícia de Jorge de S. Paulo nos «sagrados ritos» e à sua inclinação às «cerimónias eclesiásticas», por parte do anónimo autor do *Elogio* (valorizando assim, exemplarmente, uma vocação coral e litúrgica crescentemente incorporada na identidade religiosa dos cônegos de S. João Evangelista), encontra plena justificação nos detalhes informativos do códice bracarense sobre algumas « cousas pertencentes ao culto divino » a que aquele padre deu « princípio » nos conventos por onde foi passando²⁰.

Compulsando o *Epilogo e Compendio*, corroborar-se-ão ainda, facilmente, os informes do *Elogio* relativos às restantes funções de relevo desempenhadas por Jorge de S. Paulo no seio da sua congregação, não deixando até de nos intrigar que uma tal personalidade não tenha chegado a ser geral.

Foi efectivamente secretário (em 1633-1635, quando pela primeira vez governava a congregação o Padre Mestre Gaspar dos Anjos Sottomaior),

²⁰ Com efeito, pode ler-se, por exemplo, no cap. 74, § 6. 748, do *Epilogo e Compendio*: «O Padre Mestre Jorge de S. Paulo, natural de Lisboa, sendo Reitor da Feira no año de 1636, attentando que havia mais de seis annos que moravão em aquelle convento 5. e 6. religiosos, sem rezarem as horas canonicas collegealmente, mandou se rezassem todas em o choro, e se tangesse à prima noyte as matinas, e as horas da 3.^a se rezasse prima, 3.^a, 6.^a, 9.^a e logo huã missa rezada para os seculares, tangendosse a ella depois de Noa, e a tarde se tangesse a horas de vespera e se rezasse com a completa; e que os officios dos nossos religiosos defuntos se rezassem em communidade com missa cantada e sua ladainha; e se rezassem tambem os Anniversarios no choro com missa e ladainha cantada; e se celebrasse com toda a solemnidade a noyte de Natal, dia do Evangelista e S. Lourenço Justiniano, com o Senhor exposto, e dia Descensão com o Senhor dezenserrado na Hora, dia do Espirito Santo, Assumpção e toda a somana santa, mandando vir muzica de fora e todo o necessario para a solemnidade da Festa, com pouco custo de dinheiro. Na quinta feira mayor fazia a cerimonia do lava pes a doze pobres a quem dava hum pão alvo, e a Senhora Condeça [da Feira] D. Maria de Gusmão meyo tostão a quada hum. E sendo Reitor do Porto no anno de 1639 mandou se renovasse o Senhor todas as quintas feiras. com 4 tochas e 4 vellas dos Mordomos do Espirito Santo, nas suas missas de tantum ergo cantado com toda a solemnidade possivel: e nas procissões dos terceiros Domingos, elle Reitor e Vice reitor incensavão com dous thuribolos ao Senhor, em quanto se cantava o tantum ergo sacramentum etc.».

definidor (ou seja, membro do conselho director do capítulo geral, dotado de amplos poderes legislativos, electivos e executivos, eficazes para toda a ordem)²¹, e no fim da sua carreira, de novo, provedor do Hospital das Caldas, cargo para que foi eleito em 1662, e no qual faleceu em 21 de Maio de 1664, sendo enterrado na Igreja de Nossa Senhora do Populo, em sepultura rasa e sem epitáfio²². Tinha então 55 anos de hábito e, pelo menos, 73 anos de idade²³...

Em relação ao desempenho destes cargos, não surpreende minimamente, mas impressiona agradavelmente, pela sóbria concisão usada, indiciadora de preocupações de justiça, a apreciação feita pelo autor do *Elogio*: segundo ele, em todos «se distinguiu muito» Jorge de S. Paulo, «trabalhando igualmente pelo aumento da perfeição e da fazenda, mostrando ao mesmo tempo que tinha um espirito religioso e prudente, cheyo de zello e de caridade».

Com efeito, além da preocupação com a perfeição da vida conventual, nomeadamente com a valorização da vida litúrgica e coral, no *Epilogo e Compendio* facilmente se topará com um Jorge de S. Paulo dando provas dos seus cuidados de meticulosa "contabilidade" e zelosa administração, em matéria de rendas e bens da congregação, como tal frequentemente se lamentando de perdas ou oportunidades goradas de aumento do património e rendimentos da ordem, censurando incúrias, fazendo advertências aos seus confrades para perigos de perda de direitos, ou dilucidando as bases jurídicas e costumeiras dos mais controversos.

O estilo ditirâmico, a manifestação do *topos sapientia-fortitudo*, transmutado na pena do anónimo autor do *Elogio* em clássica alusão a César e à combinação de armas e letras, são elementos expressivos que não podem, no seu convencionalismo, desvalorizar ou neutralizar a palpável verdade com que, na segunda metade de setecentos, na sua própria ordem, se continuava a perceber o significado da obra deste cónego: «O Reverendo Padre Mestre Jorge de S. Paulo, tambem mereceo hum distincto nome, não pelas armas sanguinolentas, mas pelas suaves da Religião, com as quais pugnava e pelejava pela observância das leys e constituições da Congregação; ao mesmo tempo que com a penna na mam era Cronista, não de acções profanas como Cesar, mas dos virtuozos e santos exercicios dos seus Conegos, fiel historiador de tudo o que

²¹ *Estatutos e Constituições dos Virtuosos e Reverendos Padres Conegos Azues*, Lisboa, Simão Tadeu Ferreira, 1804. 37 (edição reproduzindo a de Germão Galharde, Lisboa, 1540). Em matéria de «mandados» e «definições» do capítulo geral, vide Pedro Vilas Boas TAVARES, *Legislação capitular da Congregação de S. João Evangelista (séculos XIV- XVI)*, in AA.VV., *Homenagem ao Doutor João Francisco Marques*, Porto, no prelo.

²² Fernando da Silva CORREIA, *Prefácio a Jorge de S. PAULO, Antiguidades das Caldas da Rainha e do tempo da Rainha D. Leonor*, op. supracit., IX.

²³ Concluímo-lo dos dados já fornecidos, uma vez que, por disposição estatutária (cf. *Estatutos e Constituições...cit.*, 56), rigorosamente implementada, os jovens não podiam ser recebidos sem, pelo menos, dezoito anos feitos.

pertencia aos princípios, progressos e fundações da Congregação e das suas Casas, e incansável investigador das suas fazendas».

Nem sequer é sustentável minimizar ou duvidar das apreciáveis largueza e profundidade da cultura e erudição de Jorge de S. Paulo.

A sua enfatização não é apenas setecentista e nas circunstâncias de um elogio. Várias vezes, no passado século, as acentuou Fernando da Silva Correia²⁴.

Basta ter lido a dedicatória e o prólogo do livro de Jorge de S. Paulo sobre a Rainha D. Leonor e a fundação do Hospital das Caldas (obra cuja publicação terá talvez acalentado)²⁵, ou as práticas proferidas no dia de abertura daquela instituição assistencial, no triénio em que aí foi provedor, para se confirmar sólida e interiorizada cultura, a par de belos dotes de inteligência e sensibilidade. Recensar-se-ão certamente citações de "segunda mão", mas a seu lado não faltam provas de contacto directo e demorado com os autores e com as fontes aduzidas. E, mais uma vez, percebe-se o sentido de serviço à ordem norteador de todo o labor deste cónego que, lembrando um motejo de «Francisco Petrarca, no dialogo 64 das suas obras», declarava não procurar «usurpar officio de Escriptor», mas tão só «acudir aos descuidos» e esquecimentos dos seus irmãos de hábito passados, outrossim ressaltando que não procurava efeitos de louvor «por ter por verdadeiro o ditto castelhano: Ingenio portuguez pueden haver muchos, pero alabanzas portuguezas nadie las procure ni las espere»²⁶.

Nas referidas práticas de abertura do Hospital, claras, escorreitas e pedagógicas, a intenção era dar notícia aos circunstantes da fundação daquela instituição e «encommendar aos officiaes e Ministros d'elle suas precisas obrigações no exercicio de seus officios». Com a transcrição dessas suas práticas, propinava Jorge de S. Paulo aos provedores vindouros a matéria histórica indispensável «por se escuzarem erros crassos»²⁷ ...

²⁴ Nomeadamente *A medicina termal portuguesa na época da Restauração*, in *Clínica, Higiene e Hidrologia*, IX, 5, (1943), 128; *Prefácio a Jorge de S. PAULO, Antiguidades das Caldas da Rainha e do tempo da Rainha D. Leonor*, op. supracit., IX; *Prefácios a Jorge de S. PAULO, O Hospital das Caldas da Rainha até ao Ano de 1656*, op. supracit., I, 12 e 17.

²⁵ Baseamo-nos em duas referências (*O Hospital das Caldas da Rainha até ao Ano de 1656* supracit., I, 21 e 22) que têm passado despercebidas: na *dedicatoria* à rainha D. Leonor é invocado esse seu patrocínio para a obra «poder sahir em publico Amphiteatro aos olhos de todos», sem receio de censuras, e alude-se ao desejo que a obra «chegue às mãos das senhoras Infantes de Portugal», para que estas, perante tais exemplos, se empreguem em «obras de piedade dignas de taes princessas» (em 17.11.1653 morreu D. Joana, mas continuaria por muitos anos viva a promissora D. Catarina, futura rainha da Grã-Bretanha).

²⁶ *O Hospital das Caldas da Rainha até ao Ano de 1656* supracit., I, 22 e 23

²⁷ *O Hospital das Caldas da Rainha até ao Ano de 1656* supracit., II, 15. Um desses erros crassos, contado por Jorge de S. Paulo (*ibid.*, 14), revela a diferença de estatura existente entre ele e alguns outros provedores: «certo provedor», perguntado por «hua pessoa titular» quem fora o fundador

A congregação ficou, manifestamente, devedora e grata a Jorge de S. Paulo. Como homem de arquivo, colector e ordenador de informes dispersos, tornou-se, como vimos, esteio fundamental na saída a lume da crónica impressa. Nesta, nomeadamente em matéria relativa a «varões ilustres em santidade» que na congregação «floresceram» (abrangendo o terceiro e quarto livros, no universo dos cinco em que está dividida), é notório o aproveitamento, muito ao pé da letra, dos textos de tipo hagiográficos coligidos por Jorge de S. Paulo no seu *Epilogo e Compendio*. Deve dizer-se que este último foi apenas mais um elo, sem dúvida o mais forte e consistente, na cadeia do memorialismo lóio.

Garante Francisco de Santa Maria, em *O Ceo Aberto na Terra* [p.iv], e não é difícil confirmá-lo, que Paulo de Portalegre, notável personalidade de cónego secular de S. João Evangelista, confessor do malogrado e degolado duque de Bragança D. Fernando, autor de um *Flos Sanctorum* em quatro tomos, ainda consultado por Jorge Cardoso, e de um *Novo memorial do Estado Apostolico*, composto em 1468, relativo aos primórdios dos «azuis» em Itália e em Portugal²⁸, foi quem primeiro ordenou as «memórias» da congregação²⁹; em quinhentos, João de Santo Estevão, que foi reitor da casa do Porto de 1514 a 1515, «prosseguiu as memórias do Padre Paulo»; entre este século e o seguinte, seguiu-se-lhe, «em estilo humilde mas verdadeiro», o portuense Miguel da Cruz, e, finalmente, Jorge de S. Paulo, que, benemeritamente, «ajuntou as memorias antigas e modernas», embora em «ordem» e «estilo» desagradáveis aos pruridos cultos de um prestígio cortesão como aquele de que gozava Francisco de Santa Maria.

De facto, a linguagem de Jorge de S. Paulo é menos estudada, combinando registos escolásticos e eruditos com populares, e menos sujeita a uma censura interna, de ordem e de gosto.

O mesmo sucede na selecção da matéria a narrar, não hesitando Jorge de S. Paulo, com bons resultados para os nossos objectivos de reconstituição do quadro de vida destas comunidades, em misturar, num mesmo capítulo, parágrafos com assuntos de diferente "dignidade".

Como na leitura do *Epilogo e Compendio* se poderá verificar, os grandes acontecimentos e documentos do passado de cada casa, misturam-se, na sua pena, com episódios retirados da vida quotidiana conventual e dos povos

daquele hospital, «como ignorante no cartorio e pouco visto nas Historias», e como tal «não sabendo fazer distincção nas Raynhas de Portugal chamadas Leonores, e a differença em suas vidas e costumes», respondeu ser a rainha D. Leonor «cuia obra fora santa e de grande piedade pera os Pobres Enfermos, mas a sua vida não tinha sido muito aiustada com a fee devida a seu marido Rey»...

²⁸ Tendo encontrado treslado desta obra, durante tanto tempo julgada desaparecida, preparamos para breve uma edição da mesma.

²⁹ Pedro Vilas Boas TAVARES, *Paulo de Portalegre, hagiógrafo e primeiro memorialista lóio*, in AA.VV., *Literatura y Cristiandad, Homenaje al Prof. Jesús Montoya*, Universidade de Granada, 2000, no prelo.

circunvizinhos, historietas, costumes locais e «admiráveis casos» (raros, insólitos, picarescos ou até «galantes»)³⁰, presenciados directamente ou ouvidos a velhos confrades, numa cedência a um costumbrismo muito característico do quadro ibérico da cultura barroca de então. Também com estes episódios se moralizava e, como é bem sabido, estas leituras destinavam-se, outrossim, a momentos de pausa e colação da vida comunitária.

Em Vilar, como nas outras casas, no refeitório, estará um exemplar da crónica impressa da congregação, para ser lida³¹. Antes de *O Ceo Aberto na Terra*, nesta casa, ler-se-iam os onze primeiros capítulos do livro dos *Estatutos e Constituições*, de carácter histórico, sobre o «fundamento» da congregação, ou a mesma matéria, tratada de forma muito mais desenvolvida nos 46 primeiros capítulos da primeira parte do *Epilogo e Compendio* de Jorge de S. Paulo, antecedente e fonte essencial da celebrada crónica de Francisco de Santa Maria, mas nesse seu estilo menos castigado, e em situação desigual, continuando certamente com ela a rivalizar, em curiosidade e interesse suscitado no seio dos «azuis», intensidade de utilização prática dos documentos e memórias em si encerradas... e em sinceridade autoral.

Claro que, sobretudo num instituto nascido para «restauração» e «reformação» do estado eclesiástico», uma obra destas constitui sempre uma apologia do modo de vida — apostólico — e da exemplaridade da respectiva congregação, acentuando — num horizonte polémico de discussão de primazias e precedências —, a sua excelência, originalidade e maior proximidade aos modelos primigénios de vida em comum.

Com efeito, o *Epilogo e Compendio* faz, sistematicamente, o levantamento das glórias da congregação, dando a conhecer, não apenas, as vidas de muitos confrades, insignes em santidade, virtudes e saber, mas também o teor das obras, cerimónias e ocupações apostólicas em que, ao longo do tempo, se foram distinguindo os «azuis», particularmente das mais sujeitas a esquecimento público. Assim — exemplificando —, além de louvar insistentemente a consciência e liberdade do voto³², a excelência de um hábito

³⁰ V. g. *Epilogo e Compendio*, 2.ª parte, cap. 11, 371 a 384 («Dos cazos varios que socederão em o Convento de Villar de Frades») ou 2.ª parte, cap. 65, § 10, 641-642 («De hum caso galantissimo que socedeo neste Convento de Arrayolos», entre uma recova de ciganos e um conventual).

³¹ Arquivo Distrital de Braga, F M C, *Vilar de Frades, Livro de Inventario Geral mandado fazer pelo R. Conego Francisco de S. Bernardo Sampayo, sendo Reitor, no anno de 1758*, fl. 6. Além desta, obra o termo assinala: «O Livro do refeitório: dous tomos da biblia; dois tomos novos de flos sanctorum, e outro velho, e outro em castilhana; hum Agiologio Lusitano; dous tomos de Estoria de Braga; hum tomo dos Arcebispos de Lisboa; Oratorio de Religiosos; o leccional». Segundo as *Constituições*, cap. 39 (ed. cit., 69-70), no refeitório, à segunda refeição, faziam-se leituras em linguagem das «Lendas dos Santos», do «Vita Christi» da «Vida dos Padres Santos», do «livro de nosso Padre Lourenço Justiniano» e do «mais que parece[sse] bem ao Reitor. As leituras relativas à história da ordem tinham pois aqui oportunidade e lugar.

³² *Epilogo e Compendio*, 1.ª parte, cap. 6, 77-78 e cap. 8, 87

revelado por Nossa Senhora³³ e a dinâmica pastoral das primeiras gerações lóias, numa significativa reiteração, Jorge de S. Paulo insistirá em lembrar que antes dos jesuítas chegarem ao reino e «avocarem» a si o ensino da doutrina cristã, a grandes e pequenos, pelas ruas públicas, fazendo uso da cartilha, e outrossim a assistência a presos e sentenciados à morte, ou as missões do interior, já os seus cónegos se destacavam nestas tarefas³⁴. Tal facto (as perspectivas hagiográficas e apologéticas) e o mais que natural e esperado providencialismo histórico do autor não põem em causa a fiabilidade e segurança das suas informações, desde que encontrando, do lado do leitor, correspondente argúcia crítica, sempre necessária, em quaisquer circunstâncias. Como pensamento, principalmente, no *Livro da fundação do Hospital das Caldas*, Fernando da Silva Correia enaltece mesmo a seriedade com que Jorge de S. Paulo, «ao escrever história, separa sempre os factos documentados das «inferências», entendendo que «as divagações que a cada passo faz, segundo o estilo da época, nunca o desviam do rigor histórico escrupuloso». Aprecia-lhe nomeadamente a constante citação das fontes e autores de que se serve, e a recomendação feita aos leitores de que, não obstante toda a aparente segurança, não deixassem de conferir cuidadosamente os informes por si transmitidos³⁵. O mesmo juízo poderia o distinto higienista ter feito sobre o *Epilogo e Compendio* e sobre o conjunto da obra de Jorge de S. Paulo.

De resto, no *Epilogo e Compendio*, também para efeitos de edificação, o autor não deixa de apontar desgraçadas mortes, infelizes saídas do hábito azul, lanços de desespero e «lastimosos sucessos», uma vez que «no ouro da Religião era impossível faltar a escoria»³⁶... Neste particular, anotemos que, apesar de época de desbragado anti-semitismo, Jorge de S. Paulo, referindo-se aos primeiros cónegos de Vilar não deixa de referir um «Irmão Martinho que foy judeo», ignorado pela crónica impressa e — prova de maior isenção (confiada a um escrito não pensado para o prelo) — não omite muitos documentos e pormenores da gravíssima e pouco edificante contenda havida entre os cónegos e os arcebispos de Braga, D. Fernando da Guerra e D. Luís Pires, silenciados por Francisco de Santa Maria.

Tratando primeiro «do edificio material dos nove conventos, como de terrestre fabrica», o *Epilogo e Compendio* não poderia deixar de valorizar «outro edificio mais superior, outra machina espirital de mor valia, lavrada de

³³ *Epilogo e Compendio*, 1.ª parte, cap. 40, 185.

³⁴ *Epilogo e Compendio*, 1.ª parte, cap. 8, 86 e 2.ª parte, cap. 75, 750 e 751. IDEM, Arquivo Distrial do Porto, Cartorio de S. Eloi, Livro 87, 266.

³⁵ *Prefúcios* a Jorge de S. PAULO, *O Hospital das Caldas da Rainha até ao Ano de 1656* supracit., I, 12 e 17.

³⁶ 2.ª parte, cap. 76, 751-767.

finos diamantes e preciosas safiras, que depois de polidas com asperas penitencias, desprezo do mundo, voluntarias acções, vida inculpavel fermozenarão esse mesmo ceo impireo como pedras finissimas, constituentes partes dessa Celestial Hierusalem»³⁷.

No *Epilogo e Compendio*, em termos hagiográficos, Jorge de S. Paulo serve-se, para as primeiras gerações lóias, de textos e comentários do Padre Paulo de Portalegre, que transcreve religiosamente³⁸ e, para tempos posteriores, de memórias de outros confrades seus, nomeadamente do Padre Miguel da Cruz³⁹. Sinal de assinalável sentido crítico, adverte todavia que nos seus «particulares elogios» não se estenderá «mais que a verdadeira temperança e a descrição que em semelhantes materias deve governar a penna do que se preza de atentado em referir louvores e excelencias de varões de esclarecidas virtudes», nem as relatará «com o parecer do vulgo, que em suas costumadas inconstancias facilmente canoniza e appressadamente condena, tam impio em condenar como leve em canonizar»; adverte outrossim que, «por evitar sospeitas da verdade», da vida de alguns escreverá «sem accrecentar palavra alguã» aos «proprios elogios que traz o Agiologio portuguez no primeiro e segundo tomo»⁴⁰. Reparemos que Jorge de S. Paulo, então, como ele próprio declara, «com cincoenta anos de hábito»⁴¹, escrevia apenas um ou dois anos depois da saída a lume do segundo tomo do *Agiológico* de Jorge Cardoso, escolha significativa⁴² de um autor por si prezado e com o qual trocara informações. Para deleite de momentos de pausa na vida da comunidade, particularmente para leitura à segunda refeição do dia, assim se disponibilizava uma verdadeira antologia de vidas de varões da congregação, «assinalados em virtudes»...

Deve dizer-se nesta matéria que Jorge de S. Paulo, embora conheça dos documentos de arquivo importantes — e naturais — falhas humanas dos tempos dos «bons homens de Vilar», cultivava obstinadamente a nostalgia dos tempos aúreos e primigénios da congregação, por si violentamente contrapostos às desilusões da sua contemporaneidade. Adverte por isso: «a respeito dos presentes tempos, não me pedio o espirito que falasse, por a experiencia mostrar não haver particularidades de que fazer memorias que rezultem em utilidade e credito da Congregação, ate que algum Reverendissimo Geral a torne constituir

³⁷ 2.ª parte, cap. 70, 682.

³⁸ V.g. 2.ª parte, cap. 71, 695-697.

³⁹ 2.ª parte, cap. 71, 683.

⁴⁰ *Epilogo e Compendio*, 684.

⁴¹ *Epilogo e Compendio*, 2.ª parte, cap. 71, 710.

⁴² Maria de Lurdes Correia FERNANDES, *História, santidade e identidade. O Agiológico Lusitano de Jorge Cardoso e o seu contexto*, in *Via Spiritus*, 3 (1996), 25-68; da mesma autora deve ler-se *A biblioteca de Jorge Cardoso (†1669). autor do Agiológico Lusitano*, Porto, 2000.

no seu primeiro principio, pera que a não compreenda a resolução do sumo Pastor da Igreja Gregório 15.^o: *Religiones jam dederunt odorem suum*, ja teve fim o fruto das Religiões⁴³. Mas felizmente, como fica já insinuado, o autor está longe de seguir à risca este propósito, e temos abundantíssimas informações contemporâneas nesta sua obra, a começar pelos apontamentos fornecidos quanto àqueles religiosos «presentes» que viveram e morreram «com fama constante de virtuosos» e que conheceu directamente ou pelo testemunho dos seus confrades⁴⁴. De resto, a descrição dos edificios, da cerca e das frondosas espécies arbóreas de Vilar, das pescarias no rio Cávado (e o estilo curiosamente apura-se, sempre que se trata da vida desta casa), do funcionamento da hospedaria conventual, das esmolas quotidianamente dadas na portaria, das rendas e das relações com os rendeiros, tal como as presenciou o autor, tudo são exemplos de descrições que podiam redundar em utilidade e crédito da congregação... e por isso não foram omitidas.

Quer-nos parecer, todavia, que o principal papel de Jorge de S. Paulo no seio da sua ordem, foi o de um ingente pesquisador de arquivo, "escandalizado" com a modéstia de interesses até aí patenteados, no campo da história, pelos seus confrades, apostado em ordenar documentação e a desentranhar dos cartórios o somatório de informação, de âmbito geral e particular de cada casa, que permitisse a alguém, mais tarde, como efectivamente sucedeu, sair a lume com a crónica impressa de Congregação de S. João Evangelista⁴⁵.

Impunha-se, por outro lado, sobretudo nos dias de Jorge de S. Paulo, de acentuada crise económica e moral, face à usura do tempo, do costume e à habilidade de eventuais litigantes, uma racionalização e rentabilização de recursos que passava por uma célere informação sobre propriedades, direitos e bens da ordem, exigindo nova sageza no manuseio da fontes arquivísticas.

Já o Abade de Sever nos advertiu para esta missão de Jorge de S. Paulo, não obstante os seus outros cargos, discorrendo — a expressão é sua — por todas as casas da congregação para «investigar nos Carthorios os privilegios e antiguidades della» e com essas notícias escrever sobre a fundação e história das mesmas casas. Por vezes, onde menos se esperava, a surpresa era desagradável e exigia muita diligência e trabalho:

«Quando vim por provedor no anno de 1653 estavam os papeis amontoados em varias gavetas de hum arcaz que esta na cella dos provedores,

⁴³ *Epilogo e Compendio*, 2.^a parte, cap. 78, 769.

⁴⁴ *Epilogo e Compendio*, 2.^a parte, cap. 71, 710-712.

⁴⁵ No *Epilogo e Compendio*, 2.^a parte, cap. 78, 769, Jorge de S. Paulo declara não querer aprofundar mais as matérias, «reservando as dilatadas narrações para outros sojeitos a quem o Capítulo encomende sua chronologia, tomando por particular empreza emendarem minhas faltas e acudirem aos descuidos dos nossos Antigos».

sem ordem alguã pera se achar algum papel quando a occazião o pedisse, ate que o anno passado de 1655 ordenei nos almarios da Salla dos Reys dezasseis gavetas fechadas, com as mesmas portas dos almarios em que estavam, por sua disposição, todos os papeis de porte deste Hospital que pertencem ao dito Cartorio, com os seus rotulos, pera melhor expediente e clareza de quem buscar algum papel necessario, que logo referirei pellos mesmos titolos rotulados; o que tudo me custou muito trabalho e enfadamento, aiuntando papeis e pergaminhos de importancia e sentenças dadas em favor do Hospital que estavam nas mãos dos Rendeiros que tinham sido das jugadas e nos cartorios dos Escrivães, e outros perdidos nos caixões da caza do despacho, outros comidos dos ratos, outros gastados da humidade, e muitos papeis faltão no Cartorio do Hospital e outros no do Escrivão da fazenda»⁴⁶.

O mesmo trabalho reorganizador se exerceu nas restantes casas onde esteve, e deste resultaram alguns dos principais volumes escritos por Jorge de S. Paulo. Como se vê dos próprios títulos, são essas obras um útil roteiro dos principais direitos, fazendas e obrigações de cada casa, consagradas em documentação do respectivo cartório, e uma compilação dos principais documentos que lhe dizem respeito, lidos, transcritos e por vezes traduzidos do latim por Jorge de S. Paulo.

Mesmo uma obra de natureza muito diferente, e muito mais ambiciosa, como é o *Epilogo e Compendio*, se ressenteste desta componente: nela, para além de se transcreverem frequentemente — por vezes na íntegra — importantes documentos dos arquivos da ordem, à medida que o autor vai discreteando sobre os principais factos da história de cada casa, vai apontando, marginalmente, de forma clara, os documentos em que se estriba, respectivo cartório, armário e gaveta...

Sobre este sistemático labor, particulariza o confrade de Jorge de S. Paulo, autor do supracitado *Elogio*, lembrando que fala de «livros em folha e algum com mais de mil paginas e todos escritos pela sua propria mam»:

«Quando esteve nesta Caza de Villar escreveo hum tomo de todas as suas fazendas, o qual não achei ja, quando assisti neste Convento. Quando foi Administrador da Feyra escreveo da mesma Caza hum tomo. Outro da Caza de Santo Eloy do Porto, quando também nella foi prelado. Dous da caza de Santo Eloy, que se queimarão no incendio do 1.º de Novembro de 1755. Sendo

⁴⁶ Jorge de S. PAULO, *O Hospital das Caldas da Rainha até ao Ano de 1656*, op. supracit., II, 290-291. Em relação aos últimos destes papéis diz (*ibid.*) o cronista Lóio: «e se afirma se mandarão às vendedeiras da villa a troco de Tabaco, por quanto houve grande numero de Escrivães de serventia, sem fazerem entrega por inventario huns aos outros, nem os padres Provedores e Almojarifes terem cuidado de attentarem em cousa de tanto porte». Para exemplificar as consequências destas incúrias, Jorge de S. Paulo lembra o caso de Pantaleão de Sá de Mello que, em demanda com o Hospital, pediu ao Escrivão das Jugadas de Óbidos lhe entregasse documento por si guardado, com sentença desfavorável aos seus intentos, uma vez que sabia que os padres a não tinham no seu cartório.

Provedor das Caldas escreveu hum dilatado volume daquelle Hospital. Este livro mandou tresladar e dividir em dous tomos o sempre suspirado Rey o Senhor D. João 5.º de saudosa memoria, e se guardão no mesmo Hospital. Alem desta Historia, fez mais hum Epitome do mesmo Hospital, que offerecia a esta Caza de Villar e se achava em Santo Eloy, e se queimou no dia ja referido. Por coroa das suas composições fez no anno de 1658 este Epitome, que deu para esta Caza de Villar. Delle fez outra copia, que offereceo a Caza de S. João de Xabregas e se achava em Santo Eloy de Lisboa por ser precizo, e se queimou tambem»...

Já nos referimos aos volumes que chegaram até nós, da benemérita operosidade deste cónego. São um rico espólio, mesmo depois das deprações humanas e dos elementos.

Quanto ao «epitome» feito em 1658 e dado a Vilar de Frades (o *Epilogo e Compendio*), onde se faz sinopse e resumo de imensas informações dispersas pelos outros tomos, ele é bem, cronológica e simbolicamente, a «coroa» das composições de Jorge de S. Paulo.

Em vez de reivindicar aplausos, em "alocução" do capítulo final da obra («cap.78.º e ultimo deste Livro da fundação da Congregação de S. João Evangelista em Portugal e dos seus nove conventos», o autor explica, com tocante singeleza, os limites dos seus objectivos:

«Passei alguãs couzas em silencio que algum curiozo podia desejar, porquanto a minha tenção foy acudir à necessidade commua, que à particular curiosidade, movido da muita falta e descuido de não haver quem tratasse da materia, por desterrar ignorancias em que muitos Religiosos vivião, sem saberem alguãs certezas que constão dos nove Cartorios da Congregação. Bem entendo que, por falta de memórias, podia errar nestes escritos, em materias que pedião mayores evidencias; e que no escrever desta obra, huns notarão o Methodo Historico, outros entenderão com o Estillo, e alguns reprovarão a disposição da obra.

A todos dou em resposta não ser minha tenção mostrarme rethorico no ornato das palavras, nem chronista na disposição das cousas, nem menos no methodo, com termos Historicos, ostentarme Historiador eloquente, por me parecerem requizitos de menos importancia pera o intento (...). Pretendi somente revolver os Cartorios e noticiallos a todos os religiosos da nossa Congregação, pera que em brevissimo tempo de leitura se fação presentes a muitos seculos passados e saibão, com certeza, praticar nas suas Antiguidades e responder aos ignorantes sobre as fundações dos seus nove Conventos. Assi que a todos de novo offereço a presente obra, a que dei principio e fim de minha propria letra, nas poucas horas que me restavão livres das obrigações de subdito, sem algum adjutorio, como certo lavrador que, dando huã maçam ao valente Capitão Artaxerxes, estimandoa elle mutio por fermoza e agradavel à

vista, perguntandolhe de que arvore a colhera, respondeo: Senhor, eu a colhi de huã arvore que eu plantei, reguei e cavei, por minhas proprias mãos».

Apesar de não esperar a gratidão dos homens, este cónego secular de S. João Evangelista é bem digno do nosso reconhecimento, e foi sagaz ao lembrar a eventuais censores o dito castelhano: «Los que leyen con sezo tienen ojos y los que leyen sin juizio tienen antojos»...

A história regional e local, a história da Igreja, a história da espiritualidade, a história económica, cultural, institucional e política, a história de arte, até a da música e da litúrgia, a própria etnografia, poderão efectivamente encontrar no Ms. 924 da Biblioteca e Arquivo Distrital de Braga importantes subsídios informativos. Com a edição desta fonte, por nós há muito acalentada, o autor receberá, finalmente, nova e justa homenagem.

Pedro Vilas Boas Tavares
Universidade do Porto

